

CASOS DE APÓCOPE NO SÍTIO ARISCO¹-PARAÍBA: UMA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

Edna Ranielly do Nascimento Fernandes²

RESUMO

O sítio Arisco-Lagoa de Dentro/Paraíba é um local de grande importância para a construção da história linguística do país, pois carrega a língua de um povo que vive à margem da sociedade e cujos usos da língua diferem dos impostos pela classe dominante. No Português do Brasil, essas várias formas de usar a linguagem são muito comuns. No entanto, o preconceito linguístico persiste, mesmo diante das pesquisas realizadas pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Diante desse cenário, buscamos analisar as variáveis que influenciam os casos de Apócope no campo de pesquisa e quantificar os dados fonéticos coletados. Essas variáveis foram analisadas e transcritas foneticamente em contextos frasais, fundamentadas por teóricos como Bagno (2007; 2008) e Mendonça (2012), entre outros. Adotamos como procedimentos metodológicos a pesquisa de campo, realizando entrevistas com treze moradores do referido sítio, baseadas na teoria laboviana (LABOV, 2008), bem como pesquisas bibliográficas associadas à Fonética, à Sociolinguística e à Linguística Histórica, para discutir as partes do trabalho. O estudo realizado possibilitou identificar a significativa influência dos elementos externos na língua. Acreditamos que tanto a investigação quanto as análises teóricas têm colaborado para reduzir o preconceito linguístico e ampliar a compreensão sobre a variedade da língua e sua aplicação no contexto do Brasil.

Palavras-chave: Apócope, Língua, Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

A língua não é um sistema estático ou imutável, como propõe a corrente estruturalista. Em vez disso, ela é moldada por relações sociais e está em constante transformação. Essa perspectiva é defendida pela Sociolinguística laboviana, que revolucionou os estudos linguísticos ao introduzir uma visão externa da língua.

A Sociolinguística preocupa-se com fatores externos que influenciam a mudança linguística, levando a uma série de pesquisas de campo destinadas a identificar variações linguísticas em diferentes comunidades e sua relação com aspectos como idade, gênero, faixa etária, status socioeconômico e outros fatores externos. Um marco crucial nessa transição do estudo interno para o externo da língua foi a pesquisa publicada por William Labov em 1963, que, além de incorporar o aspecto social ao

1 Pequena comunidade localizada no município de Lagoa de Dentro/PB. O local apresenta poucos recursos de saneamento básico e a população apresenta certa carência socioeconômica.

2 Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE virtualedna8@gmail.com.

estudo científico da língua, também ofereceu métodos para essa análise.

Com base na pesquisa e nos estudos variacionistas, formulamos uma série de questionamentos que orientaram nossa investigação, tais como: Até que ponto os fatores externos influenciam a língua? Existem fatores externos que têm um impacto maior do que outros na variação linguística? Qual é o papel do preconceito linguístico?

Diante dessas questões, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os aspectos sociais que afetam as variações e mudanças linguísticas. Especificamente, buscamos quantificar os dados fonéticos coletados.

METODOLOGIA

Inicialmente, nos propomos a fazer uma pesquisa bibliográfica acerca da teoria proposta por Labov (2008).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A citação acima destaca a importância do estudo bibliográfico para qualquer pesquisa científica, uma vez que é indispensável para a construção teórica do texto. Além da pesquisa bibliográfica, utilizamos, também, entrevistas semiestruturadas (LIBERALI e LIBERALI, 2011) com falantes do Sítio Arisco.

Tabela 1. Iniciais dos falantes entrevistados.

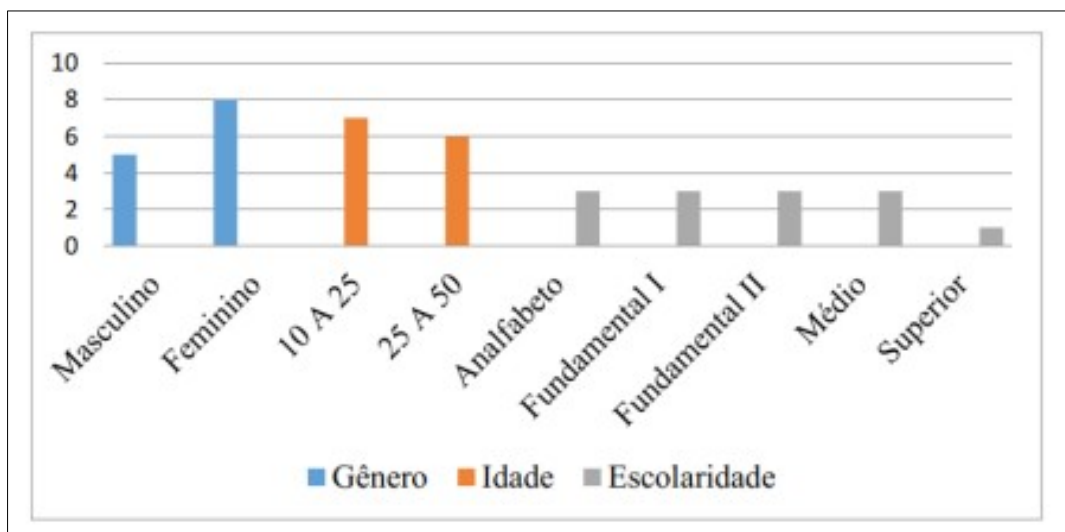
FALANTES						
ALS	JFLS	LSS	SG	MFS	NCS	RES
JAS	JFS	RAE	MDS	MWFS	NCSS	

Fonte: Organizada pela autora.

Optou-se por incluir apenas treze falantes na pesquisa porque nem todos os moradores se disponibilizaram para participar do estudo. No entanto, esse número de

informantes foi considerado adequado para atingir os objetivos da pesquisa.

Gráfico 1. Distribuição dos falantes por células sociais.



Fonte: Organizado pela autora.

O gráfico e a tabela detalham os tipos de falantes com base em idade, sexo e escolaridade. Observa-se que o grupo de falantes é predominantemente feminino, composto principalmente por pessoas mais jovens e com níveis de escolaridade distribuídos de maneira equilibrada (três indivíduos para cada nível), exceto no caso do nível superior, que foi mais difícil de encontrar na comunidade, resultando em apenas um representante desse grupo.

Realizamos uma entrevista semiestruturada abordando os seguintes tópicos: história, economia, religião, cultura, infraestrutura, saúde, preconceito linguístico, violência, brincadeiras, educação, lazer, família, leitura, naturalidade, música e dança. Com base nas respostas obtidas, realizamos a transcrição ortográfica e o recorte do áudio relacionado ao fenômeno fonético de interesse, seguido pela transcrição fonética. Em seguida, contabilizamos os fenômenos encontrados em cada modalidade e para cada falante específico. Esses dados foram organizados no Word 2013 e convertidos em gráficos de pizza e de linhas no programa Excel.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de apresentarmos os dados coletados no Sítio Arisco/PB, é fundamental discutir, ainda que de forma sintetizada, algumas noções básicas sobre a Sociolinguística variacionista e a conceituação do fenômeno em estudo. Conforme Cezario e Votre (2011, p.141, grifos nossos):

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Observe que os autores defendem um estudo da língua pautado no seu uso real, conseqüentemente é necessário repensarmos a teoria da homogeneidade abarcada pelos estruturalistas Saussureanos e gerativistas Chomskyanos. Saussure (2013), ao propor o estudo da língua fora do plano histórico, excluiu outros fatores importantes, a aludir os elementos sociais. Chomsky, conforme Chagas (2006), por sua vez, focava de forma destacável na relação entre língua e mente num processo que não abraçava o falante em seu contexto real.

Não almejamos diante do que foi aqui exposto, desmerecer ou invalidar os estudos de tais teóricos, mas alertar para certas limitações presente na teoria de ambos. Em síntese, a teoria da homogeneidade linguística impede que a língua seja estudada de forma contextualizada. O que acarreta, conseqüentemente, em uma visão limitada de língua e desvalorização das múltiplas formas de expressar um mesmo sentido (COELHO et al, 2010).

Na década de 60 surge Labov (2008), o precursor da Sociolinguística variacionista, disposto a quebrar os parâmetros e a propor novas visões linguísticas. De acordo com o teórico, as línguas apresentam variações que acarretam mudanças (CHAGAS, 2006; LABOV, 2008). Mudança, estas, que podem, em muitos casos, ser explicadas conforme o meio social no qual o falante vive. Afinal, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 p.21).

Ele reforça ainda mais a sua teoria ao afirmar numa entrevista realizada pela Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL (2007), que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua, “[...] o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística.”, ou seja, para conhecer as mudanças linguísticas é preciso valorizar o momento situacional em que a língua se encontra e o processo histórico decorrido para a sua formação. Contudo, isto não significa dizer, que devemos “abolir” a ideia de que a língua apresenta uma ordem interna, mas que esta ordem interna não é única e exclusiva. Existem ordens externas que precisam ser consideradas. De acordo com Preti (2003) há diferentes tipos de variações extralinguísticas que estão no campo da ordem externa já mencionada. Estas são as variações geográficas, as sociológicas e as contextuais. As variações geográficas estão situadas no campo das variantes regionais; as variações sociológicas, por sua vez, são compostas pela variável idade, sexo, profissão, escolaridade, classe social etc.; por último, temos as variações contextuais que pertencem ao campo do assunto, do espaço dialógico, entre outros.

Tais variações foram abarcadas sob o viés da corrente teórica laboviana. À vista disso, podemos afirmar que os estudos de Labov marcou o início de uma ciência, capaz de visualizar os fatores externos como condicionadores na produção da mudança linguística. Os condicionadores linguísticos podem ser de ordem interna (variáveis dependentes) ou de ordem externa (variáveis independentes), de acordo com Coelho et al (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em conformidade com Bagno (2007, p. 9 grifos do autor) “a apócope é a supressão de um segmento sonoro no fim da palavra: *mare* > *mar*; *amat* > *ama*; *male* > *mal*.”. A passagem do Latim para a Língua Portuguesa resultou em modificações consideráveis causadas por Apócope e que tais mudanças continuam a acontecer especialmente, na oralidade contemporânea.

Outro teórico que nos auxilia a compreender a Apócope na PB é Dubois *et al* (2006) por meio da postura assumida ao afirmar que a supressão do segmento sonoro no final da palavra não se restringe a um único fonema, em alguns casos, múltiplos fonemas podem ser apagados no término de um léxico específico, a mostrar assim que a

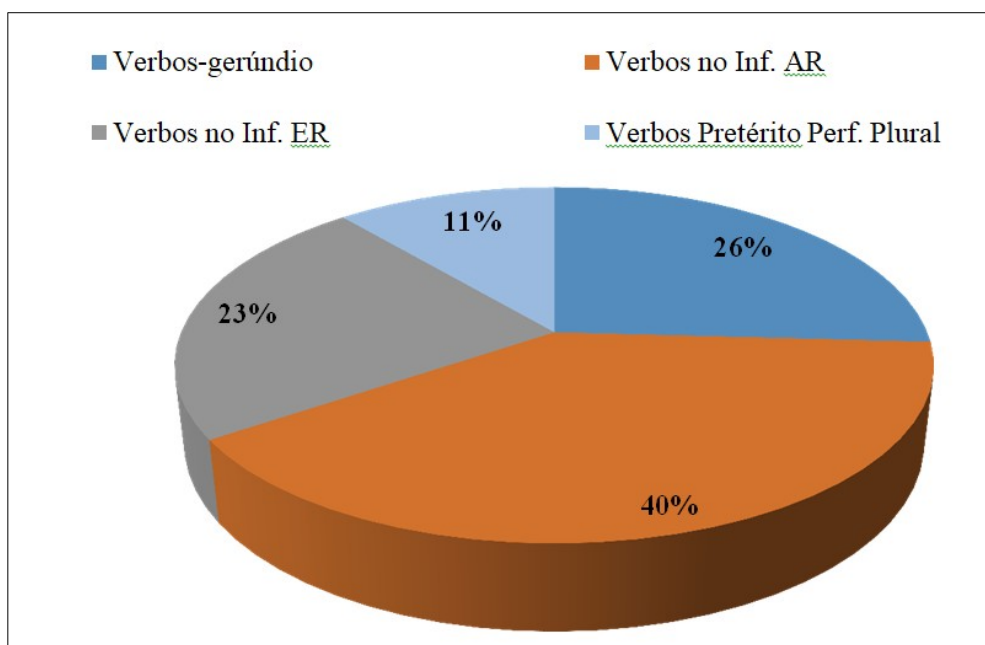
quantidade de fonemas não é requisito para caracterizarmos o fenômeno, mais a posição em que ele ocorre.

O autor exemplifica também casos de apócope em outras línguas, além do PB. A mencionar, por exemplo, o inglês arcaico versus o inglês moderno (singe/sing) e a queda dos termos finais dos infinitivos verbais, comum nos dialetos itálicos (cantar/cantare), no francês (Chanter – ausência do – R – na pronúncia), e no PB (cantá, vê, vendê etc.) (DUBOIS *et al*, 2006, LIMA, 2014).

Observe que tanto Bagno (2007) quanto Dubois *et al* (2006) explicam as ocorrências da Apócope através de exemplificações preexistentes na língua latina. O que significa que as suas ideias convergem com a teoria das mutações linguísticas baseadas em ocorrências já existentes no Latim e no PE (Português Europeu).

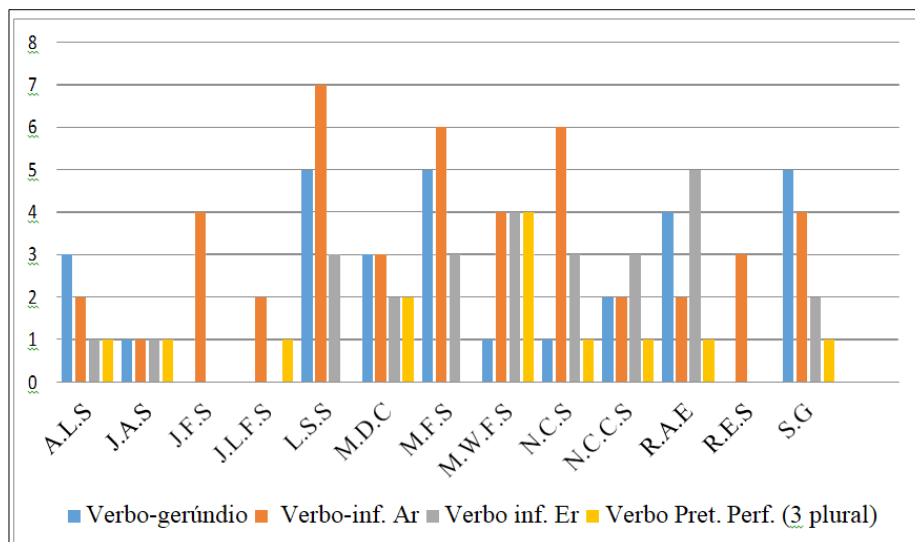
Não obstante, temos Mendonça (2012) que justifica os casos de apócope como resultado da influência africana na formação do PB, como por exemplo: general/generá; cafezal/cafezá; mel/mé; esquecer/esquecê etc. Todos, segundo ele, de origem africana.

Gráfico 2. Representação dos casos de Apócope em verbos no gerúndio, no modo indicativo/1ª e 2ª conjugação e no Pretérito perfeito/ 3ª pessoa do plural.



Fonte: Organizado pela autora.

Gráfico 3. Ocorrências individuais de Apócope em termos verbais.



Fonte: Organizado pela autora.

O gráfico 2 mostra que os casos de apócope ocorreram tanto em verbos no modo infinitivo da primeira conjugação, quanto na segunda conjugação. Ocorreram também no tempo pretérito perfeito – 3ª pessoa do plural. Entretanto, alguns casos se sobrepuseram a outros, como nos mostra o gráfico 2 em que o verbo infinitivo (1ª conjugação-AR) corresponde a 40% da pesquisa. Em segundo lugar temos os verbos no gerúndio, em 3º os verbos infinitivos (2ª conjugação-ER) e por fim, os verbos no pretérito perfeito (3ª pessoa do plural).

O gráfico 3, por sua vez, revela o número de ocorrência deste fenômeno por cada falante entrevistado. Nos verbos em gerúndio foi constatada maior intensidade nas entrevistas realizadas com L.S.S (05 ocorrências); M.F.S (05 ocorrências); R.A.E (04 ocorrências) e S.G (05 ocorrências). Os demais variaram entre duas a três ocorrências, com exceção de três falantes, em que não foi detectado o fenômeno. As formas no infinitivo-AR variaram entre uma a sete ocorrências comprovadas no diálogo de todos os falantes, enquanto o infinitivo-ER variou entre uma a cinco ocorrências, distribuídas entre dez dos treze falantes. O pretérito perfeito (3ª pessoa do plural), por sua vez,

concerne apenas a 11% da pesquisa, com ocorrências que variaram entre um e quatro, detectadas nas entrevistas de nove falantes, entre os treze pesquisados.

A apócope em contextos verbais na forma nominal do gerúndio é um fenômeno muito comum no PB, perceptível nas diferentes esferas sociais, ou seja, conseguimos constatar o fenômeno tanto em falante idosos, quanto em falantes jovens, com escolaridade elevada ou não, rico ou pobre etc. O que vai interferir na quantidade em que a Apócope vai ser detectada em determinado discurso é o contexto discursivo em que o falante está inserido e o grau de monitoramento que o discurso exige. Por isso, o fenômeno foi detectado em quase todos os falantes da pesquisa, já que o discurso apresentava um caráter mais informal e espontâneo, que não exige alto monitoramento.

A redução do -ndo- em -no- faz parte de um processo chamado assimilação, que “é a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes” (BAGNO, 2008, p. 77). Isto significa que, tanto o -n- quanto o -d- são pronunciados no mesmo ponto de articulação, ambos os sons são considerados dentais. Por haver esta semelhança, a assimilação transformou o -d- em -nn- e logo após em -n- por isso encontramos termos como falando x falanu.

Outro fenômeno bastante comum no PB é a supressão do -R- nos verbos infinitivos, tanto na primeira quanto na segunda conjugação. Ao fazer essa supressão do -R-, tendemos também a alongar a vogal final, dando maior ênfase a ela (BORTONIRICARDO, 2004).

Concernente a este fenômeno, Bagno (2007) mais uma vez defende a teoria de uma mudança do PB já ocorrente no latim, ao citar os termos mare/mar; amat/ama etc., como exemplos para esta ocorrência. Observe que o mesmo acontece na atualidade, pois tomando o verbo cantar, como exemplos teríamos cantare/cantar/cantá, nada mais que uma tendência natural da língua. Entretanto, temos novamente Mendonça (2012) assumindo sua postura em defesa da mudança do PB provocada pelos negros que no Brasil habitaram, visto que o aludido autor mostra que esta redução do -R- em verbos no infinitivo ocorre em alguns locais da África, como Cabo Verde (chegar/chegá); Ilha do Príncipe (Vender/vendê); Ilha de Ano Bom (matar/matá), entre outros.

Lima (2014) nos auxilia a compreender as causas da queda do -R- em verbos no infinitivo, ao mencionar Castro (2001, p. 115-116) que diz que a nossa língua é propícia

a ter a vogal como centro da sílaba, por isso é tão natural a queda do –R– no infinitivo, afinal, o centro da sílaba passa a ser a vogal que antecede o som suprimido.

Em síntese, a apócope neste contexto do infinitivo não sofre preconceito e por muitas vezes passa despercebido entre os falantes, o gerúndio-ndo/ndu também ocorre de igual forma.

Outro elemento detectado na pesquisa que constitui a Apócope é a perda da nasalidade presente nos verbos do pretérito perfeito (3ª pessoa do plural) - falaram/falaru. Um fenômeno já existente na língua desde o período arcaico. É o que podemos constatar na obra “A língua de Eulália”, quando Bagno (2008 p. 136) cita termos antigos do Português arcaico como legumen/legume - volumen/volume e ainda menciona os casos dos verbos (cantaram/cantaro- cantar em algumas regiões brasileiras). É verdade que o primeiro caso é composto por palavras aceitas na norma padrão e o segundo não, porém, a língua falada além de viva é fiel ao processo natural, mutável, que a compõe.

Na pesquisa realizada registramos 11% de casos ocorrentes de Apócope em verbos no PP e constatamos que o falante com maior índice deste tipo de Apócope é a falante M.W.F. S (04 ocorrências). Os demais falantes variaram entre uma ou duas ocorrências, exceto os falantes J.F. S, L.S. S, M.F. S e R.E. S cujo valor da ocorrência foi zero.

A partir dos falantes em que a referida variação foi detectada é justificável citar o fator escolaridade e posicionamento geográfico³ como elementos condicionadores da mudança sonora neste contexto, tendo em vista que a falante M.W.F.S não é analfabeta, porém ainda está cursando o fundamental e vive desde que nasceu na área rural, a lidar com pessoas que também são eminentemente do contínuo rural, assim como todos os demais falantes. Quanto aos que não se detectou o fenômeno, podemos alegar apenas que o discurso não consistiu em nenhum uso específico dos verbos na 3ª pessoa do plural/pretérito perfeito, portanto, não houve como avaliar o uso dos referidos verbos por esses falantes em específico.

Observe ainda que os casos ocorrentes, além de serem elementos verbais, são sílabas postônicas e nasalizadas. Eis que neste caso entra também outro fenômeno chamado de desnasalização, ou seja, a perda final do termo –am– tem como objetivo desconstruir o som nasal, a constituir assim, um som oral. É um recurso já utilizado na 3 Termo que Bortoni-Ricardo (2004) chama de *rede social*.

língua desde muito tempo, por isso encontramos ao longo da história do Português termos como “*luna > lũa > lua; corona > corõa > coroa; persona > pessõa > pessoa*” (BAGNO, 2007, p. 11).

A apócope nos verbos (pretérito perfeito - 3ª pessoa), apesar de ser muito comum entre os brasileiros, ainda é alvo de certo desprestígio social perante a sociedade, em contextos que exigem alto grau de formalidade.

Quanto à origem do fenômeno discutido acima, temos Bagno (2007) que assume a mesma postura dos demais casos de apócope, e Lima (2014, p. 110-111) que cita teóricos como Castro (2001) e Raimundo (1933). O primeiro afirma que os africanos influenciados pela língua banto não utilizam as vogais nasais e por isso pronunciam *coragi* em vez de coragem, igualmente ao PB não padrão. O segundo atribui à África a pronúncia oralizada do ditongo –ão-, assim como Mendonça (2012 P.87) também o faz ao mostrar pesquisa realizada no Distrito Federal, em que aponta termos como *amaram/amaru; fizeram/fizeru* etc.

Em síntese, temos mais uma vez Bagno (2007) em defesa da primeira concepção de formação da língua e os teóricos citados por Lima (2014) como representantes da segunda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa foram abordadas algumas hipóteses acerca dos fenômenos fonéticos no PB. Constatamos que, como imaginado, os fatores externos exercem enorme influência sobre a mutabilidade da língua, algo já defendido por Labov (2008) em suas pesquisas na ilha de *Massachussetts – Martha’s Vineyard nos EUA e nas lojas de Nova Iorque*.

No que concerne à Apócope, verificamos que ela ocorreu em verbos no infinitivo (1ª e 2ª conjugação), no gerúndio e no pretérito perfeito (3ª pessoa do plural). Tanto para as formas no infinitivo, quanto para as formas no gerúndio descobrimos que não há uma interferência da escolaridade, idade, sexo ou faixa etária, por ser um fenômeno já enraizado e não perceptível. O que vai definir a maior ou menor ocorrência é apenas o contexto ou o grau de monitoramento. Entretanto, quanto ao caso relacionado aos verbos no pretérito perfeito concluímos que o fator escolaridade e eixo

geográfico são viáveis relevantes , já que a falante que mais fez uso deste fenômeno não é analfabeta, mas possui uma escolaridade ainda imatura.

Todas estas afirmações em conjunto com os estudos teóricos, permitiu também concluir que o preconceito não tem fundamentação na língua propriamente dita, é algo ideológico, sentido por pessoas que não compreendem as mudanças naturais da língua e nem o processo histórico da sua formação.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. Do Socorro. **A presença africana nos falares nordestinos.** Confluência, n. 12. Rio de Janeiro: Instituto de Língua Portuguesa, 2º semestre de 1996, p. 87-100.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico.** O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **A inevitável travessia:** da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos *et al.* Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

_____. **Gramática histórica do latim ao português brasileiro.** Brasília, 2007.

_____. **Gramática de bolso do português brasileiro.** São Paulo: Parábola editorial: 2013.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org). **Manual de Linguística.** 2º ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. **Metaplasmos contemporâneos** – um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: II Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo (II CLUERJ- SG), 2005, São Gonçalo. Anais do II CLUERJ-SG. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>> Acesso em 24 de Abril de 2015.

CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luíz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Ana Christina Bentes. **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras V.1. São Paulo, Cortez: 2011.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Como as línguas nascem e morrem?** O que são famílias lingüísticas? *s.l; s.d; s.e*. Disponível em < [http:// www. museudalinguaportuguesa. org. br/ files/ mlp/ texto_8.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_8.pdf)>. Acesso em 12 de Dezembro de 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Influência das línguas africanas no português brasileiro**. *s.l ; s.d; s.e*. Disponível em: <www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas>. Acesso em 01 de Janeiro de 2015.

CAVELT, Jean Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. 176p.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. E. (org). **Manual de Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CELL UFPE. **Fala e escrita parte 1**. Disponível em < [http:// www. youtube. com/ watch? v= XOzo VHyiDew](http://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew) >. Acesso em 17 de Janeiro de 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COSTA, Benites Moraes da. **Avaliação do assoreamento da lagoa da cidade de Lagoa de Dentro-PB**. Guarabira: UEPB, 2010.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DUBOIS, Jean, et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

HORA, D. da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em <<http://goo.gl/ecYlc>> Acesso em 01 de Janeiro de 2015. (ok).

LABOV, William. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].